



OS IMPACTOS DO ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS ENQUANTO COMPONENTE CURRICULAR NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PRIVADA DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO, PE.

Sérgio de Lima Santos¹

Grécia Soares da Silva²

Patrycia Fernanda de Moura Silva Lima³

Felipe Barbosa dos Santos⁴

RESUMO

O presente trabalho visa trazer à tona discussões em relação a importância da Libras no âmbito escolar, tendo em vista a necessidade de termos uma escola para todos os indivíduos, independente de algum transtorno e/ou deficiência. A escola é, sem dúvida, um ambiente propício para que a Libras possa ser trabalhada e traga benefícios para os demais setores da sociedade. Assim, buscou-se identificar os impactos da Libras enquanto disciplina regular nos anos finais do Ensino Fundamental através de reflexões acerca da interação dos discentes com a Libras, dos professores e discente surdo; da análise dos níveis de formação profissional dos professores e do reconhecimento das dificuldades destes profissionais, tanto nas disciplinas gerais quanto na disciplina de Libras. A investigação possui um caráter descritivo e exploratório, alinhada a uma abordagem qualitativa. Trata-se de uma pesquisa empírica que ocorreu numa escola da rede privada do município da Vitória de Santo Antão, Pernambuco. No tocante aos resultados iniciais do estudo, podemos destacar: a maior visibilidade da Libras; a interação dos alunos ouvintes e surdos; o estímulo de alunos ouvintes e professores a apreenderem a Libras; e a constituição de características de uma instituição inclusiva que fomenta o bilinguismo não só para o aluno surdo como também aos discentes ouvintes.

Palavras-chave: Libras, Inclusão, Disciplina Regular, Impactos.

INTRODUÇÃO

Derivada da Língua Francesa de Sinais, a Libras foi implantada em nosso país, no ano de 1855, acreditando-se que a educação dos surdos deveria acontecer por meio da oralização, o que vem sendo, com o passar dos anos, comprovado que sozinha não tem a eficácia

¹ Graduado em Tecnologia em Radiologia, UNINASSAU – Universidade Maurício de Nassau.

Graduando em Pedagogia, Faculdade Novo Horizonte, sergiolimaeducacao@gmail.com;

² Graduanda em Pedagogia, Faculdade Novo Horizonte, soaresgrecia@gmail.com;

³ Graduanda em Pedagogia, Faculdade Novo Horizonte, patrycia.lima79@hotmail.com;

⁴ Professor Orientador. Pedagogo, Especialista, Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação – UFPE, prof.felipesantos@fnh.edu.br.

desejada. Por sua vez, ao compreendermos que a educação dos sujeitos surdos está intimamente interligada com a modalidade de educação inclusiva, passamos a visualizar novas problemáticas, como por exemplo, a não efetivação das leis que compõem a legislação brasileira voltadas a educação inclusiva (JANUZZI, 2004).

Os indivíduos surdos, os quais travam uma luta pela inclusão há bastante tempo, desde o século XIX, buscam cada vez mais obter uma visibilidade social, ou seja, ter os mesmos direitos e deveres de qualquer pessoa, e, em nossa contemporaneidade, buscam superar diversos obstáculos em sua vida social e escolar.

É imprescindível que tenhamos um olhar mais humanizado para esses indivíduos, já que o direito a educação está previsto na Constituição Federal de 1988 e, portanto, cabe a União, Estados, Municípios e Distrito Federal trabalhar para ofertar um ensino de qualidade para todos, independentemente de sua deficiência. Acredita-se que a minimização desses obstáculos poderá ocorrer com o ensino de Libras ofertado enquanto disciplina regular, oportunizando aos surdos e ouvintes a possibilidade de interação e desenvolvimento de habilidades comunicativas entre si e com os ouvintes (KUBASKI; MORAIS, 2009).

Com base nesse pressuposto, o presente trabalho busca investigar quais os impactos da Libras enquanto disciplina regular nos anos finais do Ensino Fundamental II? Na tentativa de responder esta pergunta constituiu-se como objetivo geral a necessidade de: identificar os impactos da Libras enquanto disciplina regular nos anos finais do Ensino Fundamental II, e enquanto objetivos específicos, a saber: observar a interação do discente surdo com os demais colegas de sala e com os professores; analisar os níveis de formação profissional dos professores no que concerne a disciplina de Libras e reconhecer as dificuldades dos professores e profissionais de apoio em utilizar a Libras constantemente no espaço escolar.

Assim, a presente temática foi escolhida por se tratar de um assunto relevante, de repercussão social e fundamental para que ocorra uma verdadeira inclusão da pessoa surda, inicialmente no âmbito educacional e, posteriormente, nos mais variados setores da sociedade, pois a escola é, normalmente, o lugar de apropriação do conhecimento científico, onde o ser humano tende a compreender as diferenças sob uma perspectiva ética e empática.

É relevante a realização deste trabalho a fim de conseguir perceber os impactos da Libras enquanto disciplina regular nos anos finais do Ensino Fundamental, possibilitando uma ampliação dessa etapa escolar, contribuindo para que esta língua possa ser implementada em outras escolas da rede pública e, também, privada, gerando assim uma verdadeira inclusão que acolha a pessoa surda.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi utilizada a pesquisa descritiva e exploratória, alinhada a uma abordagem qualitativa. Para Triviños (1987) a pesquisa descritiva visa aprofundar as questões propostas, descrevendo a realidade de determinados fatos com base em hipóteses previamente construídas.

Segundo Gil (2019), a pesquisa exploratória proporciona uma familiarização do problema, por meio do levantamento bibliográfico e coleta de informações que embasem a temática traçada. Como técnicas de pesquisa, faremos uso da entrevista do tipo semiestruturada.

A pesquisa empírica ocorreu numa escola da rede privada do município da cidade de Vitória de Santo Antão – PE. O estudo foi realizado em três etapas: i – levantamento de literaturas que nos ajudassem a analisar o objeto estudado; ii - identificação de instituições que ofertassem a Libras como disciplina; iii - Realização das entrevistas e análise dos dados coletados.

Os sujeitos deste estudo foram professoras e professores responsáveis por ministrar aulas de Inglês, História, Português, Matemática, Direitos Humanos e Cidade e Robótica, Educação Física e Arte, Ciências, Geografia e Libras, numa turma de nono ano do ensino fundamental II, no horário da manhã, a qual além de estudar Libras como um dos componentes curriculares, incluíam um aluno surdo no corpo discente da turma. Participaram da entrevista cerca de 08 docentes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A prática da língua de sinais é uma ferramenta importante para que o surdo construa sua identidade (SANTANA, 2017). Ao apropriar-se da mesma, as pessoas com surdez terão a possibilidade de interagir de forma significativa com os indivíduos que o cercam. No Brasil, pode-se considerar que a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, é um contributo que viabiliza o desenvolvimento integral do indivíduo, isto é, uma linguagem que garante o compartilhamento de pensamentos e sentimentos. A mesma é assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, como primeira língua da comunidade surda e o português escrito, enquanto segunda língua, dando roupagem a uma perspectiva de educação bilíngue (BRASIL, 1996).

Gesser (2020) acredita que, tornar acessível a língua brasileira de sinais à toda a sociedade anula a opinião de que a surdez é uma deficiência vinculada às falhas na cognição e



no pensamento. Sendo inserida nas escolas como disciplina regular, a mesma terá a finalidade de incluir as necessidades linguísticas e de interação da comunidade surda, a fim de contribuir para o convívio eficiente e eficaz em âmbitos de convivência familiar, escolar e comunitária (LUZ, 2013).

Souza (2021), nos faz compreender que, a implementação da Libras no currículo regular não deve ser vista como um manual para se comunicar com o surdo. O autor acredita que aprendendo os sinais, a inclusão desses sujeitos estará sendo efetivada, pois a aprendizagem de qualquer língua e cultura ultrapassa os muros da escola, sendo necessário o contato físico com os agentes dessa cultura, o qual permite que o aprendiz entenda a singularidade dessa comunidade, permitindo a influência e a disseminação dessa cultura linguística de forma correspondente. Vale salientar que o Decreto de nº. 5.626/2005, em seu artigo 03 especifica que,

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§1º. Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§2º. A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005, p. 1).

Observa-se que o este documento é uma de muitas conquistas da comunidade surda, resultado da luta de surdos, familiares e apoiadores da inclusão de pessoas surdas em salas regulares (RODRIGUES, 2021). No entanto, ainda se percebe dificuldades no processo de efetivação do mesmo, o que fragiliza a ideia de uma escola inclusiva que atenda aos indivíduos com ou sem deficiência. Ao tratar sobre a implementação de instituições educacionais inclusivas, Marques argumenta que,

Lutar por uma escola inclusiva, principalmente para surdos, tem que refletir a situação sociolinguística, a acessibilidade para os surdos, que não se garante apenas com o intérprete na sala de aula, a língua de sinais precisa estar articulada com os conteúdos trabalhados durante o currículo escolar, trabalhar com projetos que ultrapasse as paredes da sala e envolva toda a comunidade escolar (2014, p. 6).

O autor ratifica a necessidade de disseminar o conhecimento da Libras, pois apenas a presença do intérprete não é sinônimo de inclusão. A parceria com a comunidade escolar, por sua vez é de suma relevância, uma vez que favorecerá a quebra de barreiras historicamente

construídas e de imaginários presentes no pensamento populacional, nesta perspectiva, tanto alunos como discentes ganhariam, uns por se sentir incluídos cada vez mais, outros pelo contato com outro, que não pode ser segregado por trazer consigo uma deficiência (MARQUES, 2014).

Assim, Damázio (2007) partindo da ideia de que a escola deve ser um ambiente de todos e para todos, acredita que seja necessário que os docentes estejam capacitados para conseguir interagir e incluir de maneira efetiva todos os discentes, sejam eles deficientes ou não. Esse é um grande desafio das escolas, o de justamente fazer com que os professores adaptem seu trabalho curricular e estejam, como afirma Marques (2014) em constante formação para atender os estudantes, sejam eles surdos, cegos, superdotados, entre outros, possibilitando a garantia de uma escola bilíngue e inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Libras na sala de aula: o que dizem os professores?

Ao serem questionados sobre o nível de conhecimento em Libras os docentes entrevistados apresentaram as seguintes respostas:

Professor(a) Inglês	“É intermediário; já consigo me comunicar”
Professor(a) História	“Posso dizer que sou leiga nessa área de Libras e que tenho sim a curiosidade de principalmente de poder fazer, por ter aluno surdo na sala”
Professor(a) Português	“O básico, sim”
Professor(a) Matemática	“Meu conhecimento é bem básico mesmo; eu tenho o básico”
Professor(a) Direitos Humanos e Cidadania e Robótica	“Eu estou hoje no básico II”
Professor(a) Educação Física e Arte	“Eu tenho o curso, do próprio curso da Educação Física que a gente tem uma cadeira específica; e também aqui a Instituição, escola, ofertou o curso básico, aí eu fiz também e concluí, então tenho o básico da Libras”
Professor(a) Ciências	“É, em relação a Libras, eu paguei Libras tanto na Licenciatura em Pedagogia quanto em Licenciatura em Ciências Biológicas, mas é algo bem mais resumido”
Professor(a) Geografia	“Tenho o curso básico e a escola que a gente trabalha também possibilitou um curso básico”

QUADRO 1. Fonte: participantes da pesquisa.

Com base nas respostas dos participantes é possível perceber que a grande maioria dos professores possui, pelo menos, o conhecimento básico da Libras, o que já é um bom início, mostrando a importância desta língua e o destaque que a mesma vem ganhando com o passar do tempo. Além disso, o fato de a instituição de ensino ofertar o curso básico para seus profissionais, demonstra o compromisso com a inclusão do indivíduo surdo, oportunizando uma interação entre surdos e ouvintes, por meio de uma comunicação efetiva e eficaz.

Também, a partir do momento em que o professor procura conhecer, se capacitar, ele está possibilitando a construção de uma proposta educacional inclusiva, que deve ser o objetivo de todos os profissionais, sejam eles do segmento do educacional ou não, isso nos faz lembrar as palavras de Marques (2014) ao tratar sobre a necessidade de formação profissional constante. Assim sendo, é louvável e extremamente motivador saber que os profissionais da área educacional estão buscando conhecer, aprender e, conseqüentemente, utilizar a Libras.

A vivência da Libras em disciplinas específicas

Ao serem indagados sobre como a Libras é trabalhada em sala de aula, os professores apresentaram as seguintes afirmações:

Professor(a) Inglês	“Então, a gente tem uma intérprete, ela tenta passar todos os assuntos que eu tento passar para os outros alunos, mas, como eu tenho conhecimento, eu consigo conversar e repassar trabalhos”
Professor(a) História	“Tem uma pessoa, uma professora que trabalha e quando ela não está a forma de como eu posso trabalhar e trocar ideia com ele é através de mensagens mesmo, no celular”
Professor(a) Português	“A gente tenta, eu digo tenta porque assim, nem sempre a gente consegue, mas assim, a gente tenta mostrar os alunos a necessidade, até porque como é disciplina da escola, os próprios colegas de sala que partilham o ambiente com ele também sabem pelo menos o básico”
Professor(a) Matemática	“É mais mesmo com a ajuda da intérprete para fazer esse papel”
Professor(a) Direitos Humanos e Cidadania e Robótica	“A gente tem um intérprete hoje que dá esse auxílio; acho horrível quando eu quero falar alguma coisa diretamente com ele, eu tenho que pedir ajuda da intérprete”
Professor(a) Educação Física e Arte	“A gente não trabalha especificamente a Libras, mas a gente trabalha essa questão deles se expressarem através do movimento”
Professor(a) Ciências	“Bom na minha disciplina a Libras não é trabalhada de certa forma porque a gente tem uma intérprete, eu ensino a disciplina de Ciências e a intérprete trabalha com os alunos dentro da sua disciplina”
Professor(a) Geografia	“Tem a intérprete que trabalha junto com o aluno, e normalmente nos dias de avaliação, por exemplo, a prova é adaptada pela intérprete”

QUADRO 2. Fonte: participantes da pesquisa.

As respostas dos professores deixam evidenciado o quanto a Libras precisa ser amplamente difundida e/ou conhecida para que eles tenham segurança em trabalhar com ela, sem ficarem necessariamente dependentes do trabalho desempenhado pela intérprete, segurança esta que tende a vir com o trabalho permanente da Libras, através de cursos e/ou formações pedagógicas, além do uso cotidiano da mesma.

É importante deixar claro que o papel do intérprete, embora seja previsto em lei e de fundamental importância, não garante, por si só, a inclusão do surdo e a interação com os ouvintes como nos descreve Marques (2014), uma vez que, a Libras precisa estar articulada com todos os conteúdos trabalhados no currículo escolar, não se limitando, apenas, ao repasse de informações da intérprete.

Assim sendo, o professor precisa estar apto a trabalhar com a Libras não dependendo exclusivamente do trabalho desempenhado pela intérprete, tendo autonomia e segurança para utilizar não apenas a Língua Portuguesa, mas também, a Libras em sua atividade profissional, já que o próprio intérprete pode sentir dificuldade em sua função devido a utilização de termos específicos nas disciplinas em geral, não sendo conhecidos por ele e, portanto, pode gerar dúvida.

A relevância da Libras na Educação Básica

Ao serem questionados sobre a relevância da língua brasileira de sinais nos anos iniciais do ensino, os docentes discorreram as seguintes falas:

Professor(a) Inglês	“Sim. Acho não só relevante como importantíssimo, de extrema necessidade”
Professor(a) História	“Eu acho sim interessante, porque hoje a gente vê a necessidade né, a necessidade da educação em si, no geral. Porque hoje em dia a gente tá vendo que tá chegando essas crianças, adolescentes para tá dentro da sala de aula e nós professores na maioria não estamos preparados”
Professor(a) Português	“Sim. Todo mundo precisa ter um mínimo de domínio para estabelecer os processos comunicativos”
Professor(a) Matemática	“Sim. Eu acho muito relevante porque a partir do momento que o aluno ou a criança de modo geral ele começa a aprender a Língua Brasileira de sinais, ele começa né a entender também a se comunicar né de uma forma melhor com o deficiente aí”
Professor(a) Direitos Humanos e Cidadania e Robótica	“Sim. Totalmente. Acredito que é até uma grande falha do Estado não dá a devida importância que a Libras tem, afinal de contas, é a segunda Língua oficial do Brasil”
Professor(a) Educação Física e Arte	“Muito importante, é uma forma de você se comunicar. No momento que você não consegue se comunicar com uma pessoa é uma falha”
Professor(a) Ciências	“Sim, com certeza. Porque todo mundo precisa ter o conhecimento da Libras, porque é importante para o processo da inclusão né, das pessoas surdas com deficiência auditiva e fazer essa integração”
Professor(a) Geografia	“Eu acho muito importante por ser uma linguagem né, uma Língua também, Língua oficial do Brasil e dá esse suporte”

QUADRO 3. Fonte: participantes da pesquisa.

Embora seja unânime a importância de se trabalhar a Libras na Educação Básica, por contribuir com a inclusão, para facilitar a comunicação entre todos ou por qualquer outro motivo, o fato é que, na prática, esse trabalho não é realizado da mesma forma que se idealiza em nossa legislação nacional, pois são inúmeras as instituições de ensino, públicas ou privadas, que ainda não ofertam o ensino da Libras em seu currículo.

A partir do momento em que a Libras for ensinada em todas as instituições de ensino, independentemente de sua esfera (privada ou pública) e nos diversos anos da Educação Básica, a escola deixará de ser um ambiente de todos e passará a ser um ambiente para todos, contribuindo assim com a efetiva inclusão, como ressalta (DAMÁZIO, 2007).

É na Educação Básica que o indivíduo tem a sua formação inicial, sendo imprescindível que ele obtenha o máximo de conhecimento possível, inclusive, o respeito ao

outro, respeito este que só deve se efetivar a partir do momento em que o indivíduo consegue interagir com todos, independente da sua condição, neste caso, a surdez, praticando a empatia.

Interação entre aluno surdo e alunos ouvintes

Ao questionarmos os sujeitos do estudo acerca da interação entre os discentes ouvintes e aluno surdo, os mesmos apresentaram respostas positivas:

Professor(a) Inglês	“Sim. Todos os alunos da sala, não só da sala, mas do colégio. Eles tentam se comunicar com ele. Alguns usam a própria Libras já que aqui é disciplina do colégio. Mas, os outros mesmo que não consigam com a Libras eles tentam ou apontar ou tentam sinalizar algo para que ele entenda aquilo que a pessoa está querendo se comunicar com ele”
Professor(a) História	“Ele tem essa interação junto com os amigos dele, eu acho até muito interessante essa relação que ele tem, é participativa com os seus colegas de sala e os colegas de sala também se comunicam com ele em Libras”
Professor(a) Português	“Consegue. Alguns deles conseguem estabelecer essa relação através da Libras e outros buscando outros elementos, outras formas, mas que ele compreende”
Professor(a) Matemática	“Sim. Gesticulando um gesto mesmo que eles conhecem e também a forma padrão mesmo que como os alunos também tem o curso eles têm aulas de Libras, então eles também põe em prática isso”
Professor(a) Direitos Humanos e Cidadania e Robótica	“Consegue sim. Na prática no dia-a-dia, nós vamos aprendendo os sinais para conversar com ele, ele também vai se comunicando da forma que ele entende que a gente vai receber melhor aquela informação”
Professor(a) Educação Física e Arte	“Sim. Para ele se comunicar com os colegas eu percebo que tem uma naturalidade, até os meninos procuraram entender mais sobre ele, como é a forma de se comunicar”
Professor(a) Ciências	“A interação ela acontece, mas não tão efetiva como deveria acontecer”
Professor(a) Geografia	“Alguns faz datilologia, por exemplo, se comunica através da datilologia ou troca mensagem de celulares e a comunicação deles é bem livre, bem aberta mesmo”

QUADRO 4. Fonte: participantes da pesquisa.

É importante saber que o discente surdo consegue interagir com os discentes ouvintes, uma vez que, mostra que a Libras está sendo compreendida, embora os gestos (apontar, sinalizar) ainda estejam presentes, demonstrando que a interação ainda não tem sido como esperada, pois, sempre é possível melhorar.

Fica explícito que a comunicação em Libras, em sua maioria ocorre e que representa um ganho tanto para o surdo quanto para os ouvintes, como elucida Marques (2014). Assim, vê-se que o fato dos discentes se relacionarem com um aluno surdo e terem a disciplina de Libras em seu currículo, possibilita um grande avanço do desenvolvimento pessoal e intelectual deles, bem como a interação entre eles.

Projetos de inclusão realizados pela escola

Quando questionados sobre os trabalhos alinhados a educação inclusiva os sujeitos esboçaram respostas afirmativas, indicando vivências interconectadas com datas comemorativas:

Professor(a) Inglês	“Sim. Inclusive, em setembro a gente tem o setembro azul e é sempre um mês voltado para essa questão da inclusão principalmente da Libras, então a gente fez apresentações ano passado, foram nós, professores, que fizemos apresentação de Libras”
Professor(a) História	“A escola, ela sempre procura trabalhar essa parte no processo né de Inclusão, sempre colocando o aluno para participar dessas atividades, não deixando ele fora”
Professor(a) Português	“Sim. Ano passado a gente trabalhou o setembro azul, que as meninas de Libras ficaram a frente e como a gente estava em período de curso também houve apresentação musical em Libras, que até os professores precisaram aprender. Então sempre tem a questão do trabalhar projetos, a cada bimestre esses projetos de cada disciplina incluindo Libras”
Professor(a) Matemática	“Sim. A escola trabalha e no mês de setembro tem o específico né, que é um projeto mesmo dedicado”
Professor(a) Direitos Humanos e Cidadania e Robótica	“Sim. E, inclusive a gente comemora aqui na escola o setembro azul que é o setembro de conscientização né, é o mês do surdo”
Professor(a) Educação Física e Arte	“Sim. Além de trabalhar com a intérprete que tem disponível para os alunos, tem a comemoração do setembro azul; tem eventos; tem palestras”
Professor(a) Ciências	“Sim. A gente tem projetos né, é a intérprete de Libras que alinha, ela realiza projetos pontuais até projetos trabalhados dentro da própria disciplina dela como em outras disciplinas”
Professor(a) Geografia	“Todo ano existem projetos por unidade que é feita pela professora de Libras e pela a intérprete de Libras da escola que tem sempre um projeto voltado para Libras... setembro azul é feito um evento especial, envolvendo toda escola é com a Libras”

QUADRO 5. Fonte: participantes da pesquisa.

Todos os professores vivenciam projetos voltados a inclusão, desenvolvidos pela escola, principalmente o “setembro azul”, já que o Dia do Surdo é comemorado em 26 de setembro, conforme Decreto de nº. 11.796/2008. Trabalhar com projetos é fundamental para que a comunidade escolar conheça com maior riqueza de detalhes o tema abordado, além de possibilitar ao professor refletir a sua prática pedagógica (BRANDÃO, 2019).

Os projetos desenvolvidos na escola oportunizam, também, uma interação entre todos os componentes dela, levando os indivíduos a unirem-se em prol da execução do projeto, como é o caso do “setembro azul”, o qual movimentava toda a escola. No entanto, é necessário tomarmos consciência de que não devemos nos reduzir a projetos que são realizados apenas em datas comemorativas, a reflexão sobre inclusão deve ser cotidiana.

Contribuições docentes na efetivação de reflexões voltadas a inclusão

Ao perguntar-lhes sobre como poderiam realizar em suas práticas pedagógicas para viabilizar a reflexão sobre a inclusão de pessoas com deficiência em específicos ao aluno surdo, os sujeitos responderam que:

Professor(a) Inglês	“Eu acho assim que não só separar o setembro azul, mas todos os meses a gente tirar um momento pra refletir, porque a gente só tem um aluno surdo na escola, mas assim, a gente não se comunica só com ele, a gente se comunicar com qualquer pessoa em qualquer lugar”
---------------------	---

Professor(a) História	“É que os professores poderiam ter uma aula como se uma vez em cada mês para quando essa pessoa que dá o suporte aquele aluno; ela não pudesse estar ali o professor saber lidar com aquele aluno, e ele não ter que, às vezes, vamos supor, faltar né ou se sentir ali prejudicado pela falta da instrutora”
Professor(a) Português	“Um passo muito grande foi ofertar o curso, a disciplina para os alunos e um curso básico para os funcionários da instituição”
Professor(a) Matemática	“Olha, ter cada vez mais política mesmo; e eu acho que é primordial a capacitação dos professores também”
Professor(a) Direitos Humanos e Cidadania e Robótica	“O que a gente pode fazer a gente faz, busca conhecimento, cursos, assisti vídeos para que a gente possa adaptar aquele assunto baseado para aula né, sempre pensando nele”
Professor(a) Educação Física e Arte	“É solicitar cada vez mais a presença da inclusão, não só dá Libras, mas também das outras deficiências também, como um aspecto social, a gente trabalha com o aluno não só para vida acadêmica, mas também preparar eles para vida”
Professor(a) Ciências	“É que o aluno se sinta incluído é que ele consiga se comunicar, não somente com o intérprete, mas com os professores e alunos também na qual ele está inserido”
Professor(a) Geografia	“Garantir a acessibilidade, políticas também de que a gente se insira dentro da comunidade surda. E ter um processo de integração maior né, através dessas políticas do PPP da escola”

QUADRO 6. Fonte: participantes da pesquisa.

A inclusão do aluno surdo é objetivo de todos os professores, inclusive, sentem a necessidade de conhecer mais a Libras (através da realização de capacitações e/ou formações) a fim de poderem interagir com este, sem necessariamente depender da presença da intérprete.

O ensino da Libras também deve ser ofertado para os demais funcionários da escola, pois o aluno não só se relaciona apenas com professores e alunos ouvintes, mas sim, com os demais colaboradores, sendo imprescindível que o maior número de pessoas conheça e utilize a Libras. É importante mencionar que tanto os alunos ouvintes quanto os alunos surdos precisam de estímulos constantes para que seja possível verificar o ensino-aprendizagem.

Diante dos posicionamentos dos professores das diversas disciplinas que compõem a grade curricular do Ensino Fundamental Anos Finais dessa escola, convém conhecer as perguntas elaboradas e as respostas da professora de Libras, a qual também assume a função de intérprete do estudante surdo nesta instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização das pesquisas para a elaboração do presente trabalho, foi possível perceber o quanto a Libras ainda precisa ser difundida, tanto nos ambientes educacionais quanto nos demais setores da sociedade, oportunizando a inclusão do indivíduo surdo no contexto social.

Embora a escola, campo de pesquisa, ofereça o ensino da Libras, vê-se que o mesmo ainda não é totalmente satisfatório, ou seja, precisa ainda ser melhorado, pois muitos docentes não conseguem interagir com o aluno surdo de forma efetiva, necessitando da presença da



intérprete, além de tal interação também não ocorrer de maneira desejável com os demais membros escolares.

É importante ressaltar que mesmo ainda havendo necessidade de melhorias no ensino da Libras, vê-se que já ocorreram avanços significativos, pois mesmo tendo a Libras como disciplina regular em poucas escolas públicas e privadas, o fato desta escola privada ofertar a Libras nos anos finais do Ensino Fundamental, demonstra a preocupação em tornar a escola um ambiente acolhedor, inclusivo e, principalmente, estimulante para os estudantes e demais funcionários da escola, os quais poderão aprender a língua-mãe dos indivíduos surdos e conseguir interagir com eles.

Assim sendo, percebemos que os conhecimentos da linguagem dos surdos incluída enquanto disciplina regular favoreceram diversos impactos na instituição como: (i) a visibilidade da língua brasileira de sinais; (ii) a interação dos alunos ouvintes com um aluno que traz consigo a história de vários surdos que foram segregados e invisibilizados por sua deficiência; (iii) o estímulo dos alunos ouvintes e professores por apreender uma língua que favorece a inclusão de pessoas surdas em diferentes espaços, uma vez que a aprendizagem constituída no ambiente escolar perpassa os diferentes seguimentos sociais e (iv) a constituição de características de uma instituição inclusiva que fomenta o bilinguismo não só para o aluno surdo como também aos discentes ouvintes.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, M. **Escola e comunidade**: 9 ações para começar uma boa parceria. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2175/escola-e-comunidade-9-acoes-para-comecar-uma-boa->

[parceria#:~:text=Os%20projetos%20podem%20enriquecer%20a,contato%20com%20as%20tem%C3%A1ticas%20desenvolvidas](https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2175/escola-e-comunidade-9-acoes-para-comecar-uma-boa-parceria#:~:text=Os%20projetos%20podem%20enriquecer%20a,contato%20com%20as%20tem%C3%A1ticas%20desenvolvidas). Acesso em: 12 abr. 2022.

BRASIL. **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 02 abr. 2022.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 02 abr. 2022.

DAMÁZIO, M. F. M. **Formação continuada a distância de professora para o atendimento educacional especializado**: pessoa com surdez. Brasília: MEC/SEED/SEESP, 2007.

Disponível em: [https://mail-](https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/1/?ui=2&ik=2bcd30c1f5&attid=0.3&permmsgid=msg)

[attachment.googleusercontent.com/attachment/u/1/?ui=2&ik=2bcd30c1f5&attid=0.3&permmsgid=msg](https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/1/?ui=2&ik=2bcd30c1f5&attid=0.3&permmsgid=msg). Acesso em: 20 mar. 2022.



GESSER, A. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras (estratégias de ensino)**. São Paulo: Parábola, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

JANNUZZI, G. S. de M. Primeiras iniciativas de encaminhamento da questão. *In: A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

KUBASKI, C.; MORAES, V. P. **O bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas**. 2009. *In: Site*. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/biliguismo.pdf. Acesso em: 12 mar. 2022.

LUZ, R. D. **Cenas surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo?** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

MARQUES, M. da L. **Um olhar discursivo sobre a educação de surdos**. UESSBA, 2014. Disponível em: <https://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/6/um-olhar-discursivo-sobre-a-educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

RODRIGUES, E. F. P. **As políticas de inclusão educacional através dos tempos**. E-book Kindle. 183 p. ASIN: B08X3W16JN. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/POLITICAS-INCLUS%C3%83O-EDUCACIONAL-ATRAV%C3%89S-TEMPOS-ebook/dp/B08X3W16JN>. Acesso em: 20 mai. 2022.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2017.

SOUZA, A. G. **A história (quase) concisa da educação do surdo**. E-book Kindle. 163 p. ASIN: B08SHQKLTR. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3ria-Quase-Concisa-Educa%C3%A7%C3%A3o-Surdos-ebook/dp/B08SHQKLTR>. Acesso em: 20 mai. 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.